

# ENSINO DE ANTROPOLOGIA E FORMAÇÃO DE ANTROPÓLOGOS: CURSOS DE ESPECIALIZAÇÃO E MESTRADO PROFISSIONALIZANTE<sup>1</sup>

Elisete Schwade  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

A reflexão sobre Cursos de Especialização traz elementos recorrentes no debate acerca do *ensino de antropologia*. De um lado, a indagação sobre o perfil dos antropólogos, sobretudo no que se refere ao lugar da formação: graduação em antropologia? Pós-Graduação? Como autorizar, credenciar o profissional como antropólogo? De outro, as possibilidades do referencial teórico e metodológico da antropologia enquanto área de conhecimento, para além dos limites da profissão – antropólogo. Em ambas as direções, emerge a necessidade de considerar as fronteiras de uma formação definida como acadêmica e/ou profissional, envolvendo um amplo leque de questões sobre a prática de antropólogos, e bem assim a perspectiva de contemplar tanto a reflexão teórica quanto a possibilidade de vivenciar tal prática no processo de formação antropológica.

A discussão sobre o ensino da antropologia e a formação do antropólogo tem recebido especial atenção em diferentes espaços, especialmente nas atividades da ABA. No *Encontro de ensino de antropologia: diagnóstico, mudanças e novas inserções no mercado de trabalho* (Florianópolis, dez. de 2002), tivemos o relato de diferentes experiências no Fórum 6, intitulado *Cursos de Especialização e Mestrado Profissional*. As discussões ali presentes acrescentaram elementos importantes ao debate sobre a relação

---

<sup>1</sup> Este texto tem como referência a discussão realizada no Fórum 6 – Especialização, durante o *Encontro de Ensino de Antropologia* (Florianópolis, dezembro de 2002).

entre ensino e formação profissional.

Como ponto de partida, refletiu-se sobre as possibilidades de aplicação prática do conhecimento antropológico, para além das trajetórias de formação acadêmica e da pesquisa. Três experiências distintas ilustraram preocupações relativas a esta formação e suas especificidades:

- 1) **Ensino da disciplina de antropologia em cursos de especialização e mestrados profissionais em instituições privadas.** Tal experiência contempla a participação de antropólogos na formação de profissionais de diferentes especialidades. A Prof.<sup>a</sup> Laura Graziela (UFF) fez o relato de uma experiência de ensino de antropologia na área de Publicidade e Marketing, em cursos de MBA. Esta experiência, a de atuação de antropólogos ministrando disciplinas de antropologia em cursos de especialização diversos, se repete em diferentes regiões.
- 2) **Mestrado Profissionalizante.** O curso **Mestrado Profissionalizante em Gestão do patrimônio Cultural**, instalado na Universidade Católica de Goiás, se constitui em experiência única de formação profissional em antropologia no Brasil, em nível de pós-graduação. De acordo com o relato do Coordenador do referido curso, Prof. Manuel Ferreira Lima Filho, o mesmo tem como objetivo central a formação de gestores na área da antropologia para o patrimônio, por meio da reflexão teórica no contexto de uma antropologia da ação.
- 3) **Curso de Especialização em Antropologia.** Tendo em vista a instalação do Departamento de Antropologia da UFRN em 1999, os docentes do DAN, grupo do qual eu faço parte, na expectativa de retomar a Pós-Graduação em Antropologia, ofereceram entre 2001 e 2003 duas turmas de Cursos de Especialização em Antropologia. O primeiro curso, com o título *“Antropologia na Cidade: Teoria, Trabalho de Campo e Método”*, foi realizado no período de julho de 2001 a

novembro de 2002. O segundo curso, "*Dinâmicas Culturais Contemporâneas*", aconteceu entre abril de 2003 e abril de 2004. Tal iniciativa levou em consideração, por um lado, as principais linhas de pesquisa às quais se filiam os docentes de antropologia e, por outro, disciplinas que possibilitem reflexões teórico-metodológicas aprofundadas.

O oferecimento de cursos de especialização como estratégia para a criação de um ambiente de estudos pós-graduados em antropologia também ocorreu em outras universidades brasileiras.

Os relatos destas três iniciativas, resguardadas as especificidades dos contextos, suscitaram questões de ordem mais geral, presentes na discussão sobre o ensino da antropologia.

Em primeiro lugar, a questão da formação profissional e formação acadêmica. Como conciliar ambas as perspectivas? Em se tratando do Mestrado Profissionalizante, a reflexão sobre a sua efetivação tem sido assunto recorrente em diferentes fóruns de debate. Como exemplo, questões relacionadas à possibilidade do exercício docente para os mestres que cursaram o mestrado profissionalizante.

A formação profissional também é objeto de questionamentos em cursos de especialização. Entretanto, a especialização é uma modalidade mais flexível, na medida em que os cursos podem ser reeditados em uma sequência diversificada de temáticas. Isso faz com que a especialização atenda a demandas de profissionais de diferentes áreas, para os quais as referências teórico-metodológicas da antropologia são importantes. A flexibilidade permite contemplar diferentes áreas. Mas há um ponto de encontro com a perspectiva do mestrado profissionalizante: ambos estão voltados para a ação, a prática profissional, o que estabelece algumas diferenças em relação ao investimento na formação acadêmica.

Como síntese das questões discutidas no Fórum, efetuou-se um conjunto de sugestões, entre as quais cabe destacar:

- 1) contemplar a questão de um crescente mercado de atuação profissional do antropólogo, como parte da reflexão nas instâncias de formação acadêmica;
- 2) considerar o ensino da antropologia fora dos espaços de formação acadêmica como parte da atuação do antropólogo;
- 3) efetuar um levantamento das demandas dos campos de ensino da antropologia no âmbito da especialização;
- 4) diferenciar as demandas da especialização do curso de mestrado profissionalizante, dado o caráter diferenciado destes cursos;
- 5) pensar o mestrado profissionalizante/profissional no interior da academia como um espaço de formação, o que implica considerar a questão de mercado;
- 6) investir na continuidade dos cursos de especialização, tendo em vista as demandas específicas e a possibilidade de diferenciação das temáticas.

Este foi o estado da arte do debate no interior do Fórum. No decorrer do relato das experiências, ficou evidente a importância dos cursos de especialização, que podem atender a diferentes demandas de atuação profissional em antropologia.

No entanto, são poucas as iniciativas de cursos de especialização em antropologia no Brasil. Na UFRN, onde participei da organização dos dois cursos citados acima, criamos o Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – Mestrado em março de 2005 e, desde então, não oferecemos cursos de especialização, embora conste dos objetivos do PPGAS-UFRN.

Os cursos de especialização podem atender a uma demanda de profissionais que não tenham nos seus horizontes de formação a expectativa de uma carreira acadêmica. Exemplos desta demanda estão na área da saúde, entre outros. Além disso, a reflexão sobre a especialização traz elementos importantes acerca da formação do antropólogo, no contexto de novas configurações do mercado de trabalho – questões que foram

objeto de reflexão no Encontro de Ensino e 2002 e vêm sendo retomadas, observando-se as tendências atuais.

Com relação ao Mestrado Profissionalizante, trata-se de uma modalidade ainda em construção, especialmente nas ciências humanas, motivo pelo qual demanda uma reflexão circunstanciada sobre os objetivos, características e relação com a formação acadêmica, conforme ficou evidenciado na discussão do Fórum.

Finalizando, penso que a reflexão sobre o ensino da especialização e mestrado profissionalizante apresenta um desafio adicional às temáticas referidas de maneira recorrente no debate sobre a prática antropológica. Entre elas, quero destacar a questão do envolvimento e do engajamento do antropólogo com o seu trabalho, o que vem sendo abordado tendo como referência a subjetividade. No caso da especialização e do mestrado profissionalizante, a transmissão de um saber especializado em que as relações de intersubjetividade desempenham papel fundamental se apresenta com novas nuances, ampliando o debate.